

**Práticas de ajardinamento em espaços de convivência em comunidades rurais como
instrumento de Educação Ambiental**

**Landscaping practices in living spaces in rural communities as an instrument of
Environmental Education**

**Prácticas de paisajismo en espacios de vida en comunidades rurales como instrumento
de Educación Ambiental**

Recebido: 11/11/2020 | Revisado: 18/11/2020 | Aceito: 21/11/2020 | Publicado: 26/11/2020

Janine Farias Menegaes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6053-4221>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: janine_rs@hotmail.com

Toshio Nishijima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1892-1065>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: toshionishijima@gmail.com

Fernanda Alice Antonello Londero Backes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1064-7847>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: prof.fernanda.backes@gmail.com

Cláudia Cisiane Benetti

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7063-4242>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: cisiane@terra.com.br

Resumo

A ornamentação de espaços de convivência social proporciona a seus usuários vários benefícios em comunidade, especialmente, o embelezamento destes espaços, tornando-os mais prazerosos e úteis. O presente trabalho teve como objetivo desenvolver ações relacionadas à Educação Ambiental por meio de práticas de paisagismo e ajardinamento de espaços de convívio social de comunidades rurais. Valorizando a cultura e a preservação da vegetação destes espaços, através de oficinas, que ocorreram em conjunto com a Prefeitura e a EMATER/RS-ASCAR Regional de Faxinal do Soturno, RS, em dois momentos: manhã e

tarde. O período da manhã foi destinado à parte teórica e a tarde a parte prática. Observou-se boa receptividade sobre a temática abordada durante a oficina, tanto na parte teórica com exposição técnica e debate sobre a importância do meio ambiente e os espaços de convívio, como na parte prática com ótima participação na elaboração e implantação do ajardinamento dos espaços escolhidos. Verificou-se que a interdisciplinaridade característica da Educação Ambiental possibilita por diversos instrumentos, em nosso trabalho as práticas de paisagismo e jardinagem, o despertar da conscientização dos participantes sobre a importância do meio ambiente, independentemente do tamanho e da abrangência dos espaços de convívio social para uma boa qualidade de vida.

Palavras-chave: Educação interdisciplinar; Paisagismo; Qualidade de vida.

Abstract

The ornamentation of social spaces provides its users with several benefits in the community, especially the beautification of these spaces, making them more pleasant and useful. This work aimed to develop actions related to Environmental Education through landscaping practices and landscaping of social spaces of rural communities. Valuing the culture and preservation of the vegetation of these spaces, through workshops, which took place together with the City Hall and EMATER/RS-ASCAR Regional of Faxinal do Soturno, RS, in two moments: morning and afternoon. The morning was devoted to the theoretical part and the afternoon to the practical part. There was a good receptivity on the theme addressed during the workshop, both in the theoretical part with technical exposure and debate about the importance of the environment and living spaces, as well as in the practical part with great participation in the design and implementation of the landscaping of the chosen spaces. It was found that the interdisciplinarity characteristic of Environmental Education makes possible, in our work, the practices of landscaping and gardening, to awaken the awareness of the participants about the importance of the environment, regardless of the size and scope of social spaces for social interaction, a good quality of life.

Keywords: Interdisciplinary education; Landscaping; Quality of life.

Resumen

La ornamentación de los espacios sociales brinda a sus usuarios varios beneficios en la comunidad, especialmente el embellecimiento de estos espacios, haciéndolos más agradables y útiles. Este trabajo tuvo como objetivo desarrollar acciones relacionadas con la Educación Ambiental a través de prácticas de jardinería y paisajismo de espacios sociales de

comunidades rurales. Valorar la cultura y preservación de la vegetación de estos espacios, a través de talleres, que se llevaron a cabo junto con el Ayuntamiento y el Regional EMATER/RS-ASCAR de Faxinal do Soturno, RS, en dos momentos: mañana y tarde. La mañana se dedicó a la parte teórica y la tarde a la parte práctica. Hubo una buena receptividad sobre el tema abordado durante el taller, tanto en la parte teórica con exposición técnica y debate sobre la importancia del medio ambiente y los espacios habitables, como en la parte práctica con gran participación en el diseño e implementación del paisajismo de los espacios elegidos. Se encontró que la interdisciplinariedad característica de la Educación Ambiental posibilita, en nuestro trabajo, las prácticas de paisajismo y jardinería, para despertar la conciencia de los participantes sobre la importancia del medio ambiente, independientemente del tamaño y alcance de los espacios sociales para la interacción social, una buena calidad de vida.

Palabras clave: Educación interdisciplinaria; Paisajismo; Calidad de vida.

1. Introdução

A paisagem dentro de um contexto moderno passa a ser avaliada como uma interação de fatores envolvendo os valores ecológicos, funcionais, sustentáveis e socioambientais com a qualidade de vida. Em que o ajardinamento de diferentes espaços de ocupação é uma percepção de melhoria no ambiente e na paisagem, influenciando o comportamento individual ou em grupo, especialmente no seu convívio social (Petry, 2014; Alencar e Cardoso, 2015). Em ambientes “embelezados” e reordenados permite ao contemplador (observador) um resgate dos valores culturais e ideológicos, especialmente, em ambientes ajardinados inserindo a natureza no seu cotidiano (Abbud, 2006).

O conhecimento da multifuncionalidade das plantas, possibilita e estimula a comunidade na preservação dos espaços sociais e de áreas verdes de interesse e de convívio. Assim, realizar a identificação de representações iconográficas de paisagens e das espécies vegetais aptas para a ornamentação é de suma importância. Pois, o conhecimento popular é influenciado pelo repertório cultural de cada comunidade, as quais desenvolveram à sua maneira diferentes formas de explorar as heterogeneidades dos ambientes adaptando-se sua sobrevivência e escolhendo as plantas que mais as apreciam, quer seja de caráter estético (ornamental) ou alimentar (Lopes e Link, 2011; Faria et al., 2018). A menção do trabalho do paisagista-arquiteto brasileiro de maior renome mundial, Roberto Burle Marx, que insistia e

investia em seus projetos paisagísticos a criação de medidas necessárias para que a população pudesse valorizar e reconhecer a flora, principalmente, a local (Alves e Paiva, 2008).

A ornamentação de espaços de convivências é datada desde as primeiras civilizações, inicialmente, o uso de plantas fora organizado na forma de horto ou jardins utilitários (plantas comestíveis, condimentares, medicinal, pomares, floríferas) fazendo menção ao “paraíso na Terra” (Alves e Paiva, 2008; Faria et al., 2018). Igualmente, o paisagismo como ciência e arte objetiva promover o conforto e convívio social, resultante da interação das plantas-pessoas-espaços em áreas verdes funcionais. Para isso, Menegaes et al. (2016) apontam a necessidade de se realizar estudos técnicos e científicos específicos relacionados ao paisagismo para proporcionar essas benesses.

O paisagismo não está limitado apenas a organização estética da paisagem, mas, também, às práticas de conservação e preservação da mesma, permitindo à manutenção do equilíbrio dos ecossistemas nas áreas de sua implementação, além de desenvolver princípios básicos voltados a Educação Ambiental. Pois, a sensibilização da consciência humana ocorre diante de um ambiente agradável aos olhos, resgatando memórias através de significados e novas imagens (Abbud, 2006; Menegaes et al., 2016).

Neste contexto, a Educação Ambiental que tem por finalidade sensibilizar e desenvolver indivíduos com visão interdisciplinar, passa a atuar de forma sustentável, participativa e coletiva na sociedade, respeitando suas interações e suas diferenças (Sauvé, 2005a; Camphora e Maya, 2006). A Organizações das Nações Unidas (ONU), em 2015, lançou 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) a nível mundial, com a intenção de consolidar a dignidade humana, a igualdade e a equidade para uma vida com qualidade, a partir de um desenvolvimento sustentável, socioeconômico e ambiental (ONU, 2015; Garcia; Garcia, 2016). Assim, toda e qualquer ação que beneficie o próximo e reduza o seu impacto ambiental, pode ser atribuída como parte destes objetivos, sobretudo, quando atrelado a uma visão holística sobre o ambiente e tudo o que o cerca (Sauvé, 2005a; ONU, 2015).

Deste modo, o presente trabalho teve como objetivo desenvolver ações relacionadas à Educação Ambiental por meio de práticas de paisagismo e ajardinamento de espaços de convívio social de comunidades rurais. Valorizando a cultura e a preservação da vegetação destes espaços, através de oficinas temáticas intitulada Oficina de Paisagismo e Jardinagem.

2. Metodologia

As Oficinas de Paisagismo e Jardinagem foram realizadas durante o período de setembro a outubro de 2019, no Município de Faxinal do Soturno, RS, por meio do projeto de pesquisa intitulado “Educação Ambiental por meio de práticas de ajardinamento em espaços de convivência social em comunidades rurais”.

O município de Faxinal do Soturno, RS, possui aproximadamente 6.700 habitantes, com área próxima 170 km² contendo a sede mais 16 comunidades, localizado na Depressão Central está distante 45 km do Município de Santa Maria e 220 km da Capital Porto Alegre. Apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDH¹; 2019) de 0,720 e Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDESE²; 2016) de 0,730. Município tem sua economia baseada no Setor Agrícola, em 2017, as cinco principais culturas produzidas, em hectares, foram: arroz (48,7%), soja (31,6%), fumo (8,5%), milho (6,5%) e mandioca (1,7%) (IBGE *Cidades@*, 2019; SEBRAE Perfil Cidades Gaúchas, 2019).

O desenvolvimento das oficinas ocorreu em conjunto com os projetos do Grupo Jardim na Escola, desenvolvidos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O Grupo Jardim na Escola é composto por professores, alunos e técnicos administrativos da UFSM, que desenvolvem projetos de pesquisa, ensino e extensão com a temática de Educação Socioambiental, abordando temas relacionados às técnicas de paisagismo e jardinagem. Neste trabalho, as oficinas ocorreram em parceria com a Prefeitura Municipal e a EMATER/RS-ASCAR Regional Faxinal do Soturno, RS.

Nossos parceiros ficaram responsáveis pela cedência do espaço físico, deslocamento e alimentação, divulgação e agendamento das oficinas, material de uso no paisagismo (plantas, substratos e material de jardinagem). Além de, solicitar, previamente, aos participantes que levassem plantas ornamentais de sua preferência e/ou que tivessem em suas residências, em que essas plantas foram utilizadas para a elaboração e implantação do espaço ajardinado (Tabela1).

O objetivo de solicitar que os participantes levassem suas plantas para a elaboração do projeto, visa o uso e reaproveitamento de material disponível, neste caso, as plantas cultivadas pelos próprios. Assim, buscando o menor impacto ambiental em nossas atitudes e práticas.

¹ IDH do Brasil foi de 0,759 e do Rio Grande do Sul (RS) foi de 0,746 (IBGE *Cidades@*, 2019; SEBRAE PERFIL CIDADES GAÚCHAS, 2019).

² O IDESE avalia a situação socioeconômica dos municípios gaúchos quanto à educação, à renda e à saúde, considerando aspectos quantitativos e qualitativos do processo de desenvolvimento. O RS atingiu a marca de 0,751 em 2016 (SEBRAE PERFIL CIDADES GAÚCHAS, 2019).

Tabela 1 – Plantas utilizadas em cada oficina realizada.

Nome comum (Nome científico)	Tipo de vegetação	Porte (m)	Característica ornamental	Origem
Oficina 1				
Agave (<i>Agave attenuata</i> Salm-Dyck)	Arbustiva	1,0 – 1,5	Folhagem	Exótica
Amor-perfeito (<i>Viola x wittrockiana</i> Gams)	Forração	0,2 – 0,3	Flores	Exótica
Bulbine-amarela (<i>Bulbine frutescens</i> (L.) Willd.)	Forração	0,2 – 0,3	Flores	Exótica
Cordiline (<i>Cordyline frutiosa</i> (L.) A. Chev.)	Arbustiva	1,0 – 2,5	Folhagem	Exótica
Gramma-preta (<i>Ophiopogon japonicus</i> (L. f.) Ker Gawl)	Forração	0,2 – 0,3	Folhagem	Exótica
Moreia (<i>Dietes bicolor</i> Sweet ex Klatt)	Forração	0,5 – 0,7	Folhagem	Exótica
Palmeira-fênix-anã (<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien)	Palmeira	2,0 – 3,0	Folhagem e estipe	Exótica
Palmeira-rafis (<i>Rhapis excelsa</i> (Thunb.) A. Henry)	Palmeira	2,0 – 4,0	Folhagem e estipe	Exótica
Pau-d'água-verde (<i>Dracena fragrans</i> (L.) Ker Gawl)	Arbustiva	3,0 – 6,0	Folhagem	Exótica
Oficina 2				
Agave (<i>Agave attenuata</i> Salm-Dyck)	Arbustiva	1,0 – 1,5	Folhagem	Exótica
Calateia (<i>Calathea argyrea</i> Körn.)	Forração	0,3 – 0,5	Folhagem	Nativa
Croton (<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. Ex. A. Juss.)	Arbustiva	2,0 – 3,0	Folhagem	Exótica
Gazânia (<i>Gazania rigens</i> (L.) Gaertn.)	Forração	0,2 – 0,3	Flores e folhagem	Exótica
Gerânio (<i>Pelargonium X hortorum</i> L. H. Bailey)	Forração	0,3 – 0,6	Flores e folhagem	Exótica
Ligustro (<i>Ligustrum sinense</i> Lour.)	Arbórea	3,0 – 4,0	Folhagem	Exótica
Mini-espadinha (<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain 'Hahni')	Forração	0,1 – 0,3	Folhagem	Exótica
Orquídea (<i>Dendrobium nobile</i> Lindl.)	Forração	0,3 – 0,5	Flores e folhagem	Exótica
Periquito (<i>Alternanthera sessilis</i> (L.) R. Br.)	Forração	0,2 – 0,3	Folhagem	Nativa
Tagetes (<i>Tagetes erecta</i> L.)	Forração	0,2 – 0,6	Flores e folhagem	Exótica

Fonte: Adaptada de Lorenzi (2013).

Ocorreram duas oficinas, cada com a duração de um dia, com a dinâmica teórico-prática. Primeiramente, no período da manhã, houve a reunião do grupo no auditório da prefeitura municipal com as boas-vindas aos participantes pelo Secretário de Agricultura

Municipal e pelos Técnicos da EMATER. Na sequência houve a exposição teórica em material audiovisual pela autora, referentes às técnicas de paisagismo, reconhecimento de plantas de interesse ornamental, usos das espécies no paisagismo, quais as finalidades de cada planta no jardim, o uso de vasos, entre outros. Com uma abordagem sobre a ótica da Educação Ambiental.

Ao final da manhã, realizou-se um questionário (Quadro 1), como instrumento de coleta de dados, visando obter maiores informações a respeito dos participantes de acordo com Menegaes et al. (2016) e Pereira et al. (2018). Os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e a lista de presença para a divulgação dos dados coletados.

Quadro 1 – Questionário aplicado nas Oficinas de Paisagismo e Jardinagem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL		
QUESTIONÁRIO		
- Idade: _____ anos	Sexo () F () M	Escolaridade: _____
- Você é produtor(a) rural () sim () não		
- Quanto tempo você mora no campo: _____ anos		
- Quantas pessoas moram na sua casa () cônjuge / marido () filhos () netos () outros		
- Faz parte de algum grupo na comunidade em que reside () sim () não		
- Qual é a sua frequência na comunidade () semanal () mensal () só em eventos		
- Você tem jardim em casa () sim () não e, qual a frequência de trabalho: _____		
- Você tem horta em casa () sim () não e, qual a frequência de trabalho: _____		
- Como você adquire suas plantas ornamentais () troca () ganha () compra () todas as opções		
- A presença da vegetação (árvores, arbustos, flores de jardim) é importante no seu ambiente de convívio em casa e na comunidade () sim () não		
- Quais os benefícios da vegetação no seu dia a dia? () promoção de sombra () embelezamento () redução dos níveis de ruídos () proteção da avifauna () melhoria da qualidade do ar () outros		
- Como você vê o seu ambiente de convívio em comunidade em relação a presença de árvores, gramado e flores de jardim? () planejado () pouco planejado () mal planejado		
- Você tem cuidados de economia de água		
na sua casa () sim () não		
na comunidade () sim () não		
- Você acha importante preservar solo e água () sim () não		
- Você acha que o solo é renovável () sim () não e, água é renovável () sim () não		
- Você realiza a separação de lixo em casa () sim () não e, na comunidade () sim () não		
- Você acha importante realizar a separação de lixo () sim () não		
- Você pratica ações para a conservação do meio ambiente () sim () não.		
Se, sim quais: _____		
<i>Gratos pela tua colaboração!</i>		

Fonte: Autores.

O segundo momento da oficina, pelo período da tarde, iniciou com o deslocamento para os locais de convívio social, escolhido previamente pelos Técnicos da EMATER. Na

Oficina 1 o espaço escolhido foi o Ponto de Informações Turísticas e Casa do Artesão Municipal de Faxinal do Soturno, RS e, na Oficina 2 o espaço escolhido foi a Rótula do estacionamento do escritório da EMATER e Secretária de Agricultura Municipal de Faxinal do Soturno, RS.

Na sequência houve o direcionamento da etapa prática, com exploração e o reconhecimento do local para a elaboração e implantação do ajardinamento de cada espaço, elencando e alocando as plantas disponíveis, respeitando a individualidade e pretensão de cada grupo, sempre visando à abordagem dos princípios da Educação Socioambiental. No final do dia, o grupo reuniu-se para a finalização da oficina, com espaço para exposição de suas opiniões relacionadas a dinâmica do dia, bem como, para a confraternização final.

3. Resultados e Discussão

Inicialmente, ao contatar nossos parceiros por intermédio da professora supervisora, observamos um entusiasmo e boa receptividade com a temática abordada nas oficinas pelos técnicos da EMATER, os quais participaram ativamente durante as oficinas, bem como para divulgar o máximo possível. Esse esforço fez com que em duas oficinas tivessem a participação de 25 pessoas na Oficina 1 e 11 pessoas na Oficina 2 (Figura 1), totalizando 36 participantes.

Figura 1 – Oficina 1: técnicas de propagação (a), implantação das espécies (b) e ajardinamento finalizando (c). Oficina 2: implantação das espécies (d), irrigação da rótula (e) e ajardinamento finalizando (f).



Fonte: Autores.

Em ambas as oficinas, observamos boa aceitação pela temática e metodologia abordada em relação aos participantes. A dinâmica da oficina com divisão da parte teórica durante o período da manhã e parte prática durante o período da tarde, proporcionou um estreitamento de relação entre os participantes e asicineiras (autora e professora supervisora). Pois, ao proporcionar espaço aos participantes expressarem e intervirem tornou a oficina agradável e acolhedora, assim creio que houve um ganho bilateral, ou seja, houve uma troca de experiência riquíssima entre os envolvidos.

Branco (2003) e Loureiro (2012) relatam a importância da valorização social entre um grupo de pessoas que convivem em um mesmo espaço físico. Pois, cada indivíduo traz consigo experiências anteriores sobre algo que pode ser compartilhado em sociedade, isso faz com que a forma de agir e pensar torne-se cada vez mais coletiva e participativa, findando para uma melhoria socioambiental do seu meio.

A participação no decorrer da oficina, sobretudo, na parte teórica possibilitou um entendimento sobre a forma que os participantes compreendem o tema vinculado a Educação Ambiental e as práticas de paisagismo e jardinagem. Pois, entre os diversos objetivos da Educação Ambiental é promover o estreitamento de relações, principalmente, quando estes comungam algo incomum. Brasil (1999) pela Lei de Política Nacional de Educação Ambiental (nº. 9.795/1999), entre várias pressuposições, destaca-se a coletividade para a

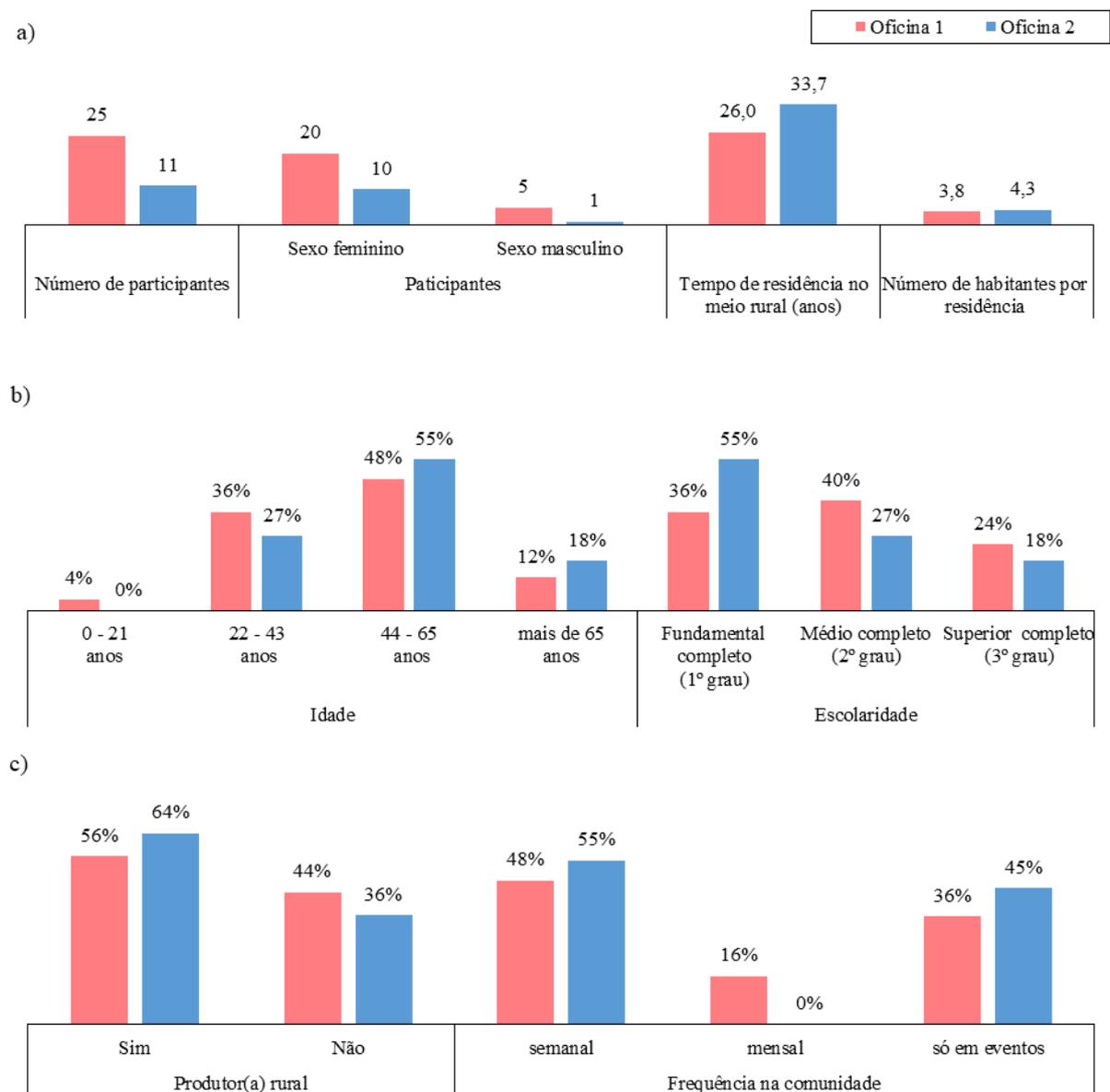
construção de valores sociais voltados “a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, é essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”.

Neste contexto, a Oficina de Paisagismo e Jardinagem realizada como a comunidade foi vinculada a uma prática socioambiental embasada em ciência e desenvolvimento humano. Os autores, Rays (2002) e Libâneo (2008), discutem que o indivíduo deve adquirir valores e atitudes necessários para lidar com as situações-problemas em sociedade, e encontrar soluções sustentáveis, já que ele próprio faz parte desta sociedade de forma integrante e interativa. Para Sauvé (2005b) a Educa o Ambiental possibilita um estreitamento de vínculos existentes entre as identidades humana e a natural, em que quando se tem essa consciência identitária a preserva o e a conserva o diversidade biológica e a cultural.

De acordo com Loureiro (2012), o desenvolvimento de todo e qualquer movimento, seja social ou ambiental, os indivíduos que se mobilizam atuam em sociedade, agregando seus aspectos ideológicos, culturais e psicológicos. Para Santos, Souza e Moreira (2017) toda forma de educa o, especialmente, a ambiental promove aos envolvidos um entendimento de pertencimento aos locais que vivem, bem como a dependência dos recursos naturais para sua sobrevivência. Instigando a ter uma visão crítica sobre o meio ambiente e seu desperdício.

Em rela o ao número de participantes, contamos com 36 pessoas, sendo 25 e 11 na Oficinas 1 e 2, respectivamente (Figura 2a). Entre os participantes de ambas as oficinas, verificou-se que 30 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com média de 29,3 anos de perman cia no ambiente rural contendo em média 4,1 habitantes por propriedade rural. Menegaes et al. (2016) verificaram que a grande maioria dos participantes de oficinas sobre essa temática são mulheres, uma vez que as mesmas tentem a cultivar flores e plantas ornamentais em suas residências como forma de embelezar seu ambiente de convívio familiar.

Figura 2 – Histograma referentes às informações sociais dos participantes das oficinas teórico-prática. Número de participantes, sexo, tempo de residência e números de habitantes por residência (a), idade e escolaridade (b) e produtores rurais e frequência na comunidade (c).



Fonte: Autores.

A Figura 2b demonstra que a idade dos participantes em média de 2%; 32%; 52% e 15% estratificada entre 0-21; 22-43; 44-65 e mais de 65 anos, respectivamente. Já em relação a escolaridade, observou-se que os participantes possuem alto índice de escolaridade, como médias de 46%; 34% e 21% com ensino fundamental, médio e superior completo, respectivamente.

De acordo com os dados do SEBRAE Perfil Cidades Gaúchas (2019), o município de Faxinal do Soturno, RS, possuía até o ano de 2010, taxa de analfabetismo de 4,9% da

população, desse 57% com escolaridade sem instrução e fundamental incompleto, 15% com ensino fundamental, 18% com ensino médio e 10% com ensino superior completo.

Observou-se que os participantes 60% se intitulam produtores rurais e os demais 40% dizem apenas ser moradores nas comunidades rurais do município, sem nenhum tipo ou vínculo de produção rural (Figura 2c). Observou-se que há uma tendência de moradia em municípios interioranos, atribuído especialmente a baixa população e maior segurança. A fala de uma participante confirma esta observação, em que ela diz *“eu me aposentei como professora há alguns anos, eu e meu marido decidimos vir morar em Faxinal pela segurança e sossego, aqui para mim é um paraíso”*.

Este comportamento em busca de um local mais calmo para se viver tem influenciado a paisagem e a população dos municípios pequenos, devido a formação de comunidades intencionais, como o caso de Faxinal do Soturno, RS. Morais e Donaire (2019) conceituam comunidade intencionais como grupos de pessoas conhecidas ou não, que se unem em prol de um estilo de vida, variando seus valores comuns entre os sociais, espirituais, econômicos, políticos e ambientais. Em geral, essas comunidades intencionais tem sido características de municípios pouco populosos e com muita vegetação próxima as suas residências. O município de Faxinal do Soturno, RS, é caracterizado por uma economia de origem agrícola e com pouca população por área, tornando-se apto às criações de novas comunidades intencionais. Essa tendência tem reflexo no fato de que entre os participantes das oficinas, 40% são moradores e sem vínculo com produção agrícola.

Em relação a frequência de participação na comunidade em média 51%; 8% e 41% dizem frequentar de forma semanal, mensal e só em eventos. Para Morais e Donaire (2019) a frequência em comunidade é mais assídua quando em municípios menos populoso, atribuindo a sensação de pertencimento ao local de convívio social e de preservação ambiental. Os autores, também, citam que a preocupação com a sustentabilidade nestas comunidades é vivenciada com maior veemência.

Na Figura 3a, quando perguntado aos participantes sobre a vegetação próximo a seu convívio, todos (100%) responderam possuir horta e jardim na suas residências, bem como a presença de vegetação nos espaços de convívios doméstico ou comunitário tem importância no bem estar. Em que mais de 80% dos participantes adquirem suas plantas por meio de compras e/ou trocas, durante a realização das oficinas, observou-se a troca de plantas entre os participantes.

Observou-se que, em ambas as oficinas, os participantes elegeram importante a presença da vegetação no seu ambiente de convívio em comunidade, todavia, eles elencaram

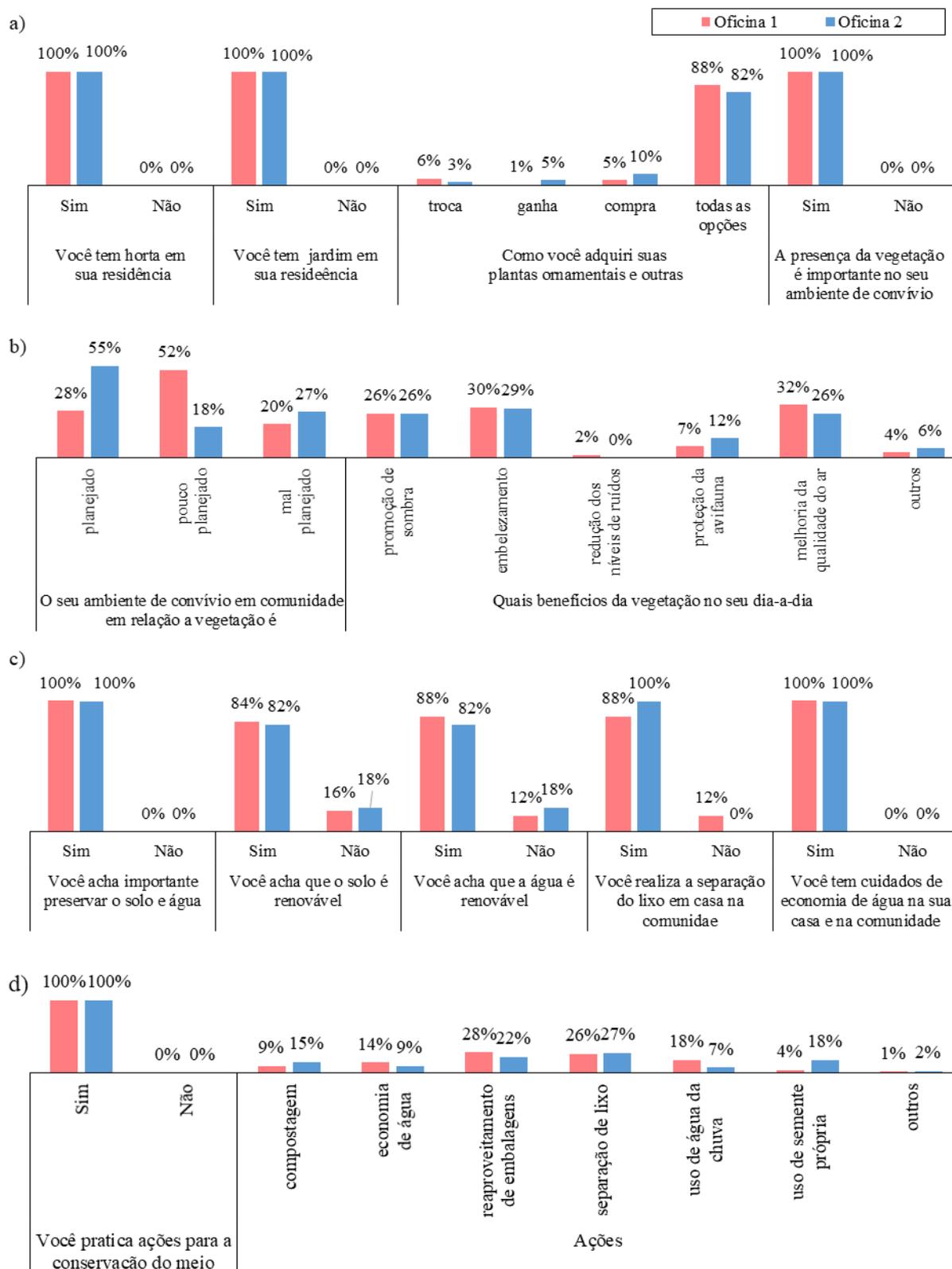
com como planejado, pouco planejado e mal planejado em média de 41%; 35% e 24%, respectivamente (Figura 3b). Schwab et al. (2014) apontam que o planejamento da vegetação, em especial da arborização urbana, favorece melhoria do ambiente para os habitantes e transeuntes, reduzindo os problemas futuros, como a poda e danos provocados pelas raízes.

Os 36 participantes atribuíram que a presença da vegetação pode beneficiar seu dia a dia em relação a promoção de sombra (26%), embelezamento (30%), redução dos níveis de ruídos (1%), proteção da avifauna (9%), melhoria da qualidade do ar (29%) e outros (5%). Verificou-se que os benefícios da vegetação estão relacionados ao bem estar, destacando a comodidade da promoção de sombra, embelezamento e qualidade do ar. Para Lira Filho, Paiva e Gonçalves (2001) o uso de áreas verdes melhora a percepção da paisagem de convívio comum, influenciando o comportamento tanto individual como em grupo.

Na questão sobre a conservação do meio ambiente e seus elementos fundamentais (Figura 3c), observou-se que 100% os participantes consideram importante preservar o solo e água, e que eles tem cuidados mínimos de economia de água tanto em suas residências como em comunidade. Em relação a sustentabilidade do meio ambiente em média 83% dos participantes acreditam que o solo seja renovável. Entre os participantes surge esta fala “*o solo é renovado com o plantio direto*”.

Para Tuan (2012) a percepção ambiental de bem estar é a primeira resposta aos sentidos que vão instigar a conscientização sobre a importância de preservação e conservação do meio ambiente.

Figura 3 – Histograma referentes a informações ambientais dos participantes das oficinas teórico-prática. Horta, jardim, aquisição e importância da vegetação (a), benefícios da vegetação (b), cuidados com água, solo, lixo e conservação do meio ambiente (c) e cuidados em comunidade e oficinas (d).



Fonte: Autores.

Esta resposta é preocupante, pois há uma confusão de renovação do solo com técnicas de manejo de solo. Apesar de Streck et al. (2008) conceituar solo como um recurso natural lentamente renovável. Devido ao grande índice de intemperismo e diferentes formas de uso e exploração, essa renovação torna-se inexpressível ao longo dos anos. Tão é verdade que a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, sigla em inglês de Food and Agriculture Organization; 2019) relatou em 2011, que 33% dos solos mundiais estão degradados, assim impossibilitando qualquer tipo de cultivo.

Em relação à renovação da água em média 85% dos participantes acreditam que a água seja renovada naturalmente. Observou-se que os participantes, tem maior conhecimento sobre o uso e manejo de água, que pode ser exemplificado na seguinte fala “*professora a água se renova devido ao seu ciclo natural, porém temos que cuidar e economizar sempre, apesar de ser renovada é um bem da humanidade, quero que meus filhos e netos tenham água tanto como eu*”. Para Ferreira e Cunha (2005) a sustentabilidade ambiental da água é fundamental para a qualidade de vida das gerações futuras, mas devido a degradação ambiental a taxa de renovação deste recurso está cada vez mais debilitada.

Em relação a separação mínima do lixo, em média 94% dos participantes indicam realizar. Em geral, ao material orgânico é destinado para compostagem e o seco é destinado à coleta municipal. A Figura 3d indica que 100% dos participantes praticam ações para a conservação do meio ambiente. Elegendo as ações, referentes a compostagem, a economia de água, ao reaproveitamento de embalagens, a separação de lixo, ao uso de água da chuva, ao uso de semente própria e outros, com média de 12%; 12%; 25%; 27%; 13%; 11% e 02%, respectivamente.

Observou-se que todos os participantes das oficinas tem as noções básicas de conservação e preservação ambiental, como, separação de lixo, economia de água, entre outros. Todavia, o despertar da conscientização ambiental, ainda, é de caráter intrínseco e próprio de cada um, em que ações e práticas interdisciplinares de Educação, principalmente, Ambiental, como a Oficina de Paisagismo e Jardinagem vem favorecer esse despertar.

Para Jacobi (2003) é necessário uma articulação das práticas e dos conhecimentos técnicos relacionados a Educação Ambiental, de forma que configure um envolvimento do universo educativo com a sustentabilidade. Já para Sauvé (2005b) toda e qualquer dinâmica social relacionada a Educa o Ambiental visa estreitar a compreensão sobre meio ambiente, produzindo até possíveis soluçoes criativas de problemas corriqueiros. Deste modo, verificou-se que as a oes e práticas de paisagismo e jardinagem se tornam aptas como instrumento da

Educação Ambiental para o despertar sobre a conscientização socioambiental, adormecida em muitos dos participantes.

4. Considerações Finais

O desenvolvimento das ações relacionadas à Educação Ambiental, por meio de oficinas com a temática de paisagismo e ajardinamento, nos espaços de convívio social em comunidades rurais trouxe aos participantes destas oficinas o sentimento de pertencimento ao local de convívio. Assim, valorizando esses espaços e tornando-os mais prazerosos e úteis a sociedade, de modo, a induzir o despertar da conscientização e da importância do meio ambiente.

Referências

Abbud, B. (2006). *Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística*. São Paulo: SENAC.

Alencar, L. D. & Cardoso, J. C. (2015). Paisagismo funcional: o uso de projetos que integram mais que ornamentação. *Revista Ciência, Tecnologia e Ambiente*, 1(1), 1-7. Recuperado de <https://www.revistacta.ufscar.br/index.php/revistacta/article/view/4>.

Alves, S. F. S. N. C., & Paiva, P. D. O. (2008). *História e evolução dos jardins*. In: Paiva, P. D. O. *Paisagismo – conceitos e aplicações*, 12-65. Lavras: UFLA.

Branco, S. (2003). *Educação Ambiental: metodologia e prática de ensino*. Rio de Janeiro: Dunya.

Brasil. (1999). *Lei n. 9.795 (27/04/1999) - Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Recuperado de www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_legislacao/20_legislacao18032009111654.pdf.

Camphora, A. L. & Maya, P. H. (2006). Valoração ambiental como ferramenta de gestão em unidades de conservação: há convergência de valores para o bioma Mata Atlântica? *Revista Megadiversidade*, 2(1-2), 24-38. Recuperado de <https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consul>

ta/busca?b=ad&id=162643&biblioteca=vazio&busca=autoria:%22MAY,%20P.%20H.%22&qFacets=autoria:%22MAY,%20P.%20H.%22&sort=&paginaAtual=1.

FAO - Food And Agriculture Organization. (2019). *Diretrizes Voluntárias para a Gestão Sustentável dos Solos*. Roma: FAO.

Faria, R. T., Assis, A. M., & Colombo, R. C. (2018). *Paisagismo: Harmonia, Ciência e Arte*. Londrina: Mecenaz.

Ferreira, A. & Cunha, C. (2005). Sustentabilidade ambiental da água consumida no Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Panamericana Salud Publica*, 18(1), 93-99. Recuperado de <https://www.scielo.org/article/rpsp/2005.v18n2/93-99/pt/>.

Garcia, D. S. S. & Garcia, H. S. (2016). Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e as novas perspectivas do desenvolvimento sustentável pela Organização das Nações Unidas. *Revista da Faculdade de Direito da UFRGS*, 35(esp.), 192-206. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/revfacdir/issue/view/3027/showToc>.

IBGE *Cidades@* - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para as Cidades Brasileiras. (2019). *RS – Faxinal do Soturno*. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/faxinal-do-soturno/panorama>.

Jacobi, P. (2003). Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, 1 (118), 189-205. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>.

Libâneo, J. C. (2008). O campo teórico-investigativo da pedagogia, a pós-graduação em educação e a pesquisa pedagógica. *Revista Educativa (UCG)*, 11(1), 1-15. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>.

Lira Filho, J. A., Paiva, H. N., & Gonçalves, W. (2001). *Paisagismo – princípios básicos*. Viçosa: Aprenda Fácil.

Lopes, J. M. D. C., & Link, D. (2011). Implantação de um horto didático de plantas bioativas no município de Tupanciretã. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, 2(2), 225-250. doi: 10.5902/223611702781

Lorenzi, H. (2013). *Plantas para jardim no Brasil – herbáceas, arbustivas e trepadeiras*. Nova Odessa: Instituto Plantarum.

Loureiro, C. F. B. (2012). *Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez.

Menegaes, J. F., Backes, F. A. A. L., Rocha, K. M & Balzan, K. M. (2016). Práticas de paisagismo em espaços de convivência social em comunidades rurais e em centro de educação ambiental. *Revista Monografias Ambientais*, 15 (1), 381-392. doi: 10.5902/2236130819947

Morais, S. F., & Donaire. D. (2019). Comunidades intencionais: um estudo sobre dimensões da sustentabilidade em ecovilas paulistas. *South American Development Society Journal*, 5 (4), 326-346. doi: 10.24325/issn.2446-5763.v5i14p326-346

ONU - Organização das Nações Unidas. (2015). *Relatório sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*. Nova York: ONU.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). Metodologia da pesquisa científica. Recuperado de https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Petry, C. (2014). *Paisagens e paisagismo: do apreciar ao fazer e usufruir*. Passo Fundo: UPF.

Rays, O. A. (2022). *O conceito de aula: um dos saberes necessários à práxis pedagógica*. In: Rays, O.A. (Org.). *Educação: ensaios reflexivos* (pp 84-104). Santa Maria: Pallotti.

Santos, D. B.; Souza, C. R., & Moreira, L. M. (2017). Da educação ambiental à transformação social: reflexões sobre a interdisciplinaridade como estratégia desse processo. *Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental*, 34 (2), 156-172. doi: 10.14295/remea.v34i2.7014

Sauvé, L. (2005a). *Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental*. In: Sato, M.; Carvalho, I. C. M. (Orgs.). *Educação Ambiental - pesquisas e desafios* (pp. 17-44). Porto Alegre: Artmed.

Sauvé, L. (2005b). Educação Ambiental: possibilidades e limitações. *Educação e Pesquisa*, 31(2), 317-322.

Schwab, N. T.; Girardi, L. G.; Neuhaus, M.; Backes, F. A. A. L.; Bellé, R. A. & Menegaes, J. F. Diversidade florística do bairro Nossa Senhora das Dores em Santa Maria, RS. *Revista Brasileira de Horticultura Ornamental*, 20(2), 155-162. doi: 10.14295/rbho.v20i2.563

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2019). *Perfil Cidades Gaúchas - Faxinal do Soturno*. Recuperado de https://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Faxinal_do_Soturno.pdf.

Streck, E. V., Kampf, N., Dalmolin, R. S. D., Klant, E., Nascimento, P. C., Schneider, P., Giasson, E., & Pinto, L. F. S. (2008). *Solos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR.

Tuan, Y. (2012). *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Janine Farias Menegaes – 55%

Toshio Nishijima – 15%

Fernanda Alice Antonello Londero Backes – 15%

Cláudia Cisiane Benetti – 15%